

**OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE**

# Economia informal e inclusão social de públicos desfavorecidos

Emprego de qualidade, seguro e estável permite acesso à formação profissional, progressão de carreira, e construção de carreiras contributivas mais duradouras

**Óscar Afonso**

A Rede Europeia Anti-Pobreza Portugal, com a consultoria do Observatório de Economia e Gestão de Fraude, realizou um estudo sobre a importância da economia informal na inclusão social e integração profissional de pessoas afastadas da economia oficial. O estudo teve por base o testemunho confidencial de actores chave e os resultados, apresentados publicamente no passado dia 29 de Abril, são resumidamente os expostos nesta crónica.

É possível perceber a prática da economia informal como meio de acesso ao trabalho e rendimento, num contexto em que a inclusão pelo emprego não se concretiza, e a protecção social está ausente ou não é suficiente para permitir a satisfação de necessidades básicas. A economia informal apresenta-se então como factor de atenuação da pobreza e da exclusão social, sendo possível reconhecer efeitos positivos no exercício temporário a nível económico, social ou psicológico. Assim, a economia informal surge como reacção às adversidades.

A redução da economia informal poderá pois ser equacionada pela via do emprego de qualidade. Neste caso evita-se a precariedade associada aos vínculos laborais, o trabalho passa a ser a tempo completo e os salários adequados ao custo de vida, pelo que se reduz o estímulo à prática da economia informal. Por outro lado, o emprego de qualidade, seguro e estável permite o acesso à formação profissional e à progressão de carreira, e possibilita a construção de carreiras contributivas mais duradouras e o acesso à protecção social.

Na eventualidade da ocorrência de situações de desemprego, é determinante a capacidade de resposta rápida, direccionada para a requalificação e para a reinserção no mercado de trabalho. Essa resposta deve permitir aos

indivíduos e seus agregados manter a capacidade de satisfação das necessidades. Assim, a formação de um desemprego estrutural (de longa ou de muito longa duração) questiona a eficácia e o contributo das políticas sociais para a inclusão social dos mais vulneráveis. Se, por exemplo, a questão é equacionada entre a possibilidade de frequência de uma acção de formação de longo prazo, sem apoios adequados, e a realização de actividades na economia informal que permitam suportar despesas imediatas, a opção dificilmente privilegiará o investimento na futura reinserção profissional.

Para além da inclusão por via do trabalho por conta de outrem, há também a possibilidade de inclusão por via do trabalho por conta própria. Neste caso, na medida em que a economia informal se associa ao desenvolvimento de actividades em pequena escala por parte de indivíduos isolados, importa facultar as condições de acesso a informação de qualidade, minimizar os custos associados ao processo de formalização e, simultaneamente, apoiar os indivíduos a identificar e assegurar as competências necessárias ao futuro exercício em contexto formal. Para que a formalização possa dispor de maior probabilidades de sucesso é também importante equacionar a operação das empresas criadas em contexto informal, sendo crucial adequar as exigências

à escala das actividades para que possam ser cumpridos os níveis mínimos. Se a adequação da carga fiscal e das obrigações contributivas se afigura essencial face à incerteza dos rendimentos, também os regulamentos e os custos de operação se podem constituir como obstáculos que os indivíduos associam à formalização. Trata-se, a este nível, de verificar a sua adequação ao contexto específico das actividades, à sua escala e natureza, e simplificar o cumprimento. Neste âmbito é determinante o papel do Estado e das suas instituições, mas também de outras organizações ao nível sectorial e local, por forma a incorporar a natureza específica das actividades e as dinâmicas territoriais associadas.

Em suma, não obstante a economia informal, enquanto fenómeno orgânico e profundamente imbricado nas interacções sociais, encontrar sempre o seu espaço próprio, a sua abordagem justifica-se pela necessidade de propiciar a inclusão no mercado de trabalho daqueles que actualmente encontram na mesma a única resposta possível à situação em que se encontram.

*Escreve à sexta-feira*

**Economia informal apresenta-se como factor de atenuação da pobreza****SESSÕES CONTINUAS****LAURO ANTÓNIO***Vamos a votos!*

Domingo vamos a votos. Dizem que é para eleger o parlamento europeu. Um parlamento que, por sua vez, vai definir a política europeia dos próximos anos. Ora nós estamos a atravessar uma crise económica e financeira, política e social, que, digam eles o que disserem, não fomos nós, os cidadãos vulgares de Lineu quem provocou. Nem andámos a viver acima das nossas possibilidades. Por falar nisso: leram que na Suíça houve um referendo para se saber se o ordenado mínimo nacional ia ou não para 3300 euros? Não foi, mas é do conhecimento público que no Luxemburgo é de 1921 euros e que em Portugal é de 485. E nós vivemos acima das nossas possibilidades? E é esta a Europa da União solidária?

Voltando às eleições para definir a Europa do futuro. Serão mesmo? As eleições são a 25 de Maio em Portugal e em muitos outros países desta Europa. Mas nos jornais de 20 a Fuhrer Merkel assegurava que a Europa iria ser governada por uma Comissão Europeia com base num pacto de acordo entre conservadores e sociais-democratas. Se assim é, para que servem estas eleições, se tudo está já definido pela chanceler alemã?

Anda por aí muito boa gente a lamentar a abstenção que se prevê poder ir além dos 60%. Esta declaração, insensata, no mínimo, só dá razão a quem assim pensa proceder e é mais um prego no destino desta democracia representativa em que muitos teimam em acreditar. Já se falava de uma economia de casino, mas agora para que serve aquela frase emblemática que tanto se ouve na roleta: "Faites vos jeux, rien ne va plus!"? Não bastará o "Rien ne va plus!"?

Pois a mim dá-me cada vez mais vontade de votar e de trocar as voltas a quem julga que as tem bem contadas e as contas acertadas. A Alemanha já por diversas vezes ao longo da História quis impor a sua vontade ao mundo. Por meios bem trágicos. Agora parece ir no mesmo caminho, deixando de lado a Luftwaffe e os Panzers, mas os resultados podem ser igualmente trágicos. Eu acredito no valor do voto. Sobretudo para derrotar ameaças de ditaduras. Enquanto é tempo. *Escreve à sexta-feira*